

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho
Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XXII

OUTUBRO DE 1961

N.º 181

Outro apelo para a oração e para o sacrifício

Mais uma vez temos o privilégio de receber as bênçãos de Deus numa nova Semana de Oração, que, conforme determinação da Conferência Geral, terá lugar de 11 a 18 do próximo mês de Novembro do corrente ano.

Damos muitas graças a Deus, porque nos permite ouvir, mais uma vez este tão belo apelo. Soa ele como clamor das trombetas de prata, que todos os anos, chamava o povo, no campo de Israel a observar as cerimónias rituais. Assim também acontece connosco, prezados Irmãos, que somos convocados a celebrar as nossas festividades. Que grande bênção não é o podermos ainda mais uma vez ouvir estes apelos! Que privilégio o de podermos procurar o Senhor e segui-Lo através de um caminho especial sob a sua direcção, rumo à pátria celestial! É para esta pátria que estamos caminhando e na qual habitaremos eternamente com o nosso bendito Salvador.

Sabemos que está prometida a vitória à Igreja Remanescente, a essa Igreja à qual, vós, prezados Irmãos, e eu, temos a dita de pertencer. Firmemos bem nas nossas mentes que temos a divina promessa de que havemos de triunfar com a verdade de Deus.

As actuais condições do mundo, a incerteza da vida e as perturbações destes tempos indicam-nos claramente, que o povo de Deus deve estar indiscutivelmente pronto para se encontrar, dentro em breve, com Jesus. Por isso, todos unidos deve-

mos suplicar a protecção e a direcção divinas.

Mas a oração, contudo, é apenas um dos aspectos desta importante semana; é que se trata, também, de uma semana em que nos é pedida uma generosa oferta que se destina a promover e a procurar a salvação de tantas almas que ainda não conhecem o Senhor Jesus. Trata-se, na verdade, de um sacrifício de alegria, e não, de modo algum, de um apelo para levarmos um fardo. Todos nós temos a nossa página nos assentos celestiais, na qual há duas colunas: débito e crédito, que no nosso caso se traduzem por: serviços prestados e bênçãos recebidas.

Nos «Testemunhos para a Igreja» temos: «Bem, dirá alguém, só ouço apelos para darmos para a causa. Já estou farto de dar.

— Estais realmente fartos de dar? Então, deixem-me perguntar, se também estais fartos de receber tantos e tantos benefícios das mãos de Deus?». Vol. 5, pág. 150.

Fartos de respondermos aos apelos? Não, digamos, NUNCA!

Prezados Irmãos e Irmãs! As necessidades, neste ano, são enormes. Os relatórios que nos chegam dos vários campos dizem que as despesas com o nosso tão grande e múltiplo trabalho são tremendas, por causa do contínuo aumento do custo de vida. Contudo, o nosso trabalho começado no sacrifício, tem de progredir, porque se baseia na consagração de todo o coração. E, por isso, enriquece o doador. Quando estamos dispostos a dar-nos

a nós mesmos e, deste modo, a consagrar tudo a Deus, então o apelo para qualquer dom mesmo de sacrifício, não nos parece nenhuma carga pesada nem mesmo molesta. Quando amamos a Jesus, de todo o nosso coração, com toda a nossa mente e com toda a nossa força, não há nada que nos possa impedir de fazer tudo quanto seja para o engrandecimento do Seu Reino. É sempre um prazer o poder darmos alguma coisa aquelas a quem amamos. Finalmente, não é a coisa dada, ou a qualidade ou quantidade das nossas dádivas, que Jesus mais aprecia; é sim o amor que nos dá prontidão a fazer e a dar.

É, de certo, uma bem minúscula coisa o darmos o pouco dos nossos haveres para a salvação das almas, se nos lembrarmos de que Jesus deixou o céu para nos dar a sua própria vida, para nos salvar.

Por vezes temos de fazer planos para esta Semana de Sacrifício.

Quando o salário é pequeno e as despesas domésticas são grandes, será bom ir preparando a nossa oferta, com antecedência; pondo de parte, todas as semanas, o que pudermos, para estarmos aptos a corresponder alegre e generosamente. Sendo assim, não há necessidade de retirar, só de uma vez, do salário, aquela soma com a qual tencionamos concorrer para a nossa oferta; convém, portanto, ir pondo de parte, alguma coisa, durante várias semanas. Será isto uma boa prova do nosso amor a Jesus e à sua Obra. Todos nós

PÁGINA EDITORIAL

Prezados Irmãos:

Estamos-nos aproximando do fim do ano; importa, portanto, esforçarmo-nos por alcançar o que tivermos descurado, remindo em ardor o que tivermos de suprir na Obra do Senhor.

A Semana de Oração

Como já anunciámos, encontram-se à disposição de todos os nossos Irmãos os números da REVISTA ADVENTISTA com as Leituras destinadas à *Semana de Oração*.

É de todo o ponto conveniente que todos possamos seguir as leituras que vão sendo apresentadas.

Todos sabemos que é muito mais eficaz a conjugação do exercício de dois ou mais dos nossos sentidos corpóreos, do que só o de um.

Quer dizer que aprendemos melhor se estivermos a ouvir e a ler o que se diz, do que se estivermos, simplesmente a ler ou a ouvir. Basta recordar que para se decorar alguma coisa, muitas vezes repetimos em voz alta o que queremos decorar; por isso, sigamos a leitura que formos ouvindo, durante a *Semana de Oração*.

somos devedores a Deus de tudo quanto temos: — a nossa vida, o nosso tempo, o nosso serviço, o nosso dinheiro, tudo, numa palavra.

A nossa Igreja tem sempre correspondido, nobremente, a todos os apelos que lhe têm sido dirigidos; tem sempre demonstrado, que mediante as suas dádivas e ofertas, ama a Deus assim como a sua maravilhosa Mensagem.

Que o Senhor possa abençoar abundantemente, durante esta *Semana de Oração*, a todos e a cada um de nós, e confirmar-nos na grandeza desta gloriosa tarefa que temos de acabar. Que nós possamos demonstrar a nossa leal-

Não esqueçamos, prezados Irmãos, que é um singular privilégio, este que Deus nos concede, o de podermos assistir, ainda, mais um ano, à *Semana de Oração*. Não se trata das nossas reuniões semanais, de oração. Trata-se de reuniões, que toda a Igreja realiza, em todo o mundo adventista, precisamente, nas mesmas noites, e com as mesmas leituras. São outras tantas violências que sobem calmamente, com amor e confiança, envoltas no incenso puríssimo das nossas preces, até junto do trono do Senhor nosso Deus.

Aqueles dos nossos Irmãos e Irmãs, que por motivo de saúde não possam sair de suas casas, têm, também, o privilégio de se unirem em espírito com a Igreja, e, possivelmente, à mesma hora, fazendo as leituras, ou ouvindo-as, e orando, igualmente, em união com os Irmãos reunidos na Igreja.

É nosso privilégio, prezados Irmãos e Irmãs, o podermos elevar as nossas súplicas até junto do trono do Altíssimo; aproveitemos tão grande privilégio, pois não sabemos se é a última *Semana de Oração* que o Senhor nos concede.

Convidemos, também, os nossos conhecidos a acompanharem-nos; talvez seja o momento que Deus

dade ao Senhor nosso Deus e à Causa que nós amamos, mesmo com sacrifício, como iremos demonstrar, contribuindo, generosamente para a colecta que será levantada, nesta *Semana de Oração* e de *Sacrifício*.

Que esta nossa oferta, alegre e generosa seja a mais liberal de todas quantas temos feito e que contribua, eficazmente, para apressar a Vinda gloriosa do Senhor.

Lembre-mo-nos de que esta oferta será efectuada no Sábado, 18 de Novembro.

B. J. Kohler

Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia

escolheu para os chamar para o conhecimento da Sua maravilhosa luz.

Façamos com que seja esta a nossa melhor *Semana de Oração* e não nos esqueçamos de demonstrar, bem claramente, aos olhos de Deus que somos gratos pelos benefícios que d'Ele temos recebido, contribuindo, generosamente para a Sua Obra.

A nossa Escola

Cada dia que passa faz-nos sentir, vivamente, a necessidade que temos de abrir a nossa Escola. Tudo nos leva a que façamos o possível e o impossível para abrir a nossa Escola. Multiplicam-se as complicações e as peias que rodeiam os nossos jovens nas escolas seculares; sabemos que é difficilimo — diremos impossível — que os nossos jovens frequentem as escolas officiais, por causa da guarda do Sábado. Só temos, portanto, uma solução: abrir a nossa Escola. Mas, prezados Irmãos e Irmãs! Não basta a nossa boa vontade.

Em primeiro lugar necessitamos da ajuda de Deus, pois sem ela nada poderemos fazer; em segundo lugar, necessitamos do beneplácito legal; em terceiro lugar necessitamos dos fundos indispensáveis para a manutenção de tão importante e imprescindível obra; em quarto lugar necessitamos do vosso concurso: espiritual com as vossas orações; pecuniário com as vossas ofertas; effectivo com o envio para a Escola dos vossos filhos, a que se podem juntar os filhos dos vossos conhecidos, pois a todos queremos oferecer uma preparação completa e segura tanto no campo espiritual, como no intelectual.

Tomemos como alvo para esta *Semana de Oração* suplicar ao nosso bom Pai celestial que nos conceda a abertura da nossa Escola o mais depressa possível.

A. Casaca

São, realmente, inspirados os escritos da IRMÃ WHITE?

Eis a pergunta que tem sido feita, várias vezes, e a que vai responder o Pastor Jemison, secretário-adjunto das publicações Ellen G. White.

Vai responder à pergunta formulada, a mesma Irmã White. Escreve ela:

«Deus concedeu-me, em ligação com esta obra, uma experiência definida e solene; podeis estar certos de que, enquanto a vida me for poupada, não deixarei de levantar a voz de advertência, quando for impelida pelo Espírito de Deus, quer os homens me ouçam, quer me deixem de ouvir. Não sou dotada de nenhuma sabedoria especial; sou, apenas, um instrumento nas mãos de Deus, para fazer a obra que me designou. As instruções que tenho dado pela pena e de viva voz, são uma expressão da luz que Deus se dignou conceder-me. Tentei expor-vos os princípios que o Espírito de Deus, durante anos, tem estado a imprimir no meu espírito e a escrever no meu coração.

E, agora, irmãos eu vos conjuro a que não vos interponhais entre mim e o povo, desviando dele a luz que Deus lhe deseja dar. Não deprimais, pela vossa crítica, a força, a virtude, e a importância dos Testemunhos.

Não imagineis que podeis analisá-los de modo a acomodá-los às vossas próprias ideias, pretendendo que Deus haja dado perícia para discernir o que é a luz do Céu e o que é a mera sabedoria humana. Se os Testemunhos não falarem de acordo com a Palavra de Deus, rejeitai-os. Jesus Cristo e Belial não se podem juntar. Por amor de Jesus, deixai de confundir o espírito do povo com sofismas e ceticismo, tornando de nenhum efeito a obra que Deus deseja fazer. Não procureis, pela vossa falta de discernimento espiritual, fazer deste método de operação de Deus, uma pedra de escândalo pela qual muitos venham a tropeçar

PASTOR T. H. JEMISON

e a cair, a ser enlaçados e presos». — *Testemunhos Selectos*, Vol. 2, págs. 301 e 302.

(Lede atentamente todo este capítulo, que começa na página 294).

«A Irmã White não é a origem destes livros. Contêm eles a instrução que durante os anos da sua vida Deus tem estado a dar-lhe. Contêm a preciosa, confortadora luz que Deus, graciosamente, deu à sua Serva, para ser comunicada ao Mundo». — *O Colportor Evangelista*, pág. 38.

«Não escrevo nem sequer um só artigo na Revista, expressando minhas ideias minhas. São o que Deus me revelou em visão — os preciosos raios de luz que brilham do trono». — *Testemunhos Selectos*, Vol. 2, pág. 26.

«Débil e trémula, levantei-me às três horas da madrugada, para vos escrever. Deus estava falando por intermédio da argila. Poderéis dizer que essa comunicação não passava de uma carta. Sim, foi uma carta, mas motivada pelo Espírito de Deus, a fim de apresentar ao vosso espírito as coisas que me haviam sido mostradas. Nessas cartas que escrevo, nos testemunhos que apresento, apresento-vos aquilo que o Senhor me apresentou a mim». — *Testemunhos Selectos*, Vol. 2, pág. 26.

Expressão de pensamentos comuns

Não devemos, porém, concluir que tudo quanto a Irmã White escreveu, em todas as circunstâncias, seja inspirado. Notemos o seguinte passo:

«Há ocasiões em que coisas corriqueiras devem ser declaradas, assim como pensamentos comuns devem ocupar a mente, e cartas vulgares devem ser escritas e dadas

informações de um obreiro para outro. Estas palavras, estas informações não são dadas sob a inspiração especial do Espírito de Deus.

Por vezes fazem-se perguntas que, de modo algum, se enquadram em matéria religiosa, e estas perguntas necessitam de resposta». — *Ellen G. White — Mensageira da Igreja Remanescente*, pág. 260.

Aquilo, porém, que a Irmã White escreveu como mensagens de Deus, devemos aceitar como tais.

Há grave perigo na opinião de que a Bíblia seja uma combinação de escritos inspirados, de senso comum e de sabedoria humana. Alguns dos comentários de Paulo são usados numa tentativa de apoiar este ponto de vista.

Mas passa-se por alto a afirmação do mesmo apóstolo em I Coríntios 14:37: «Se alguém cuida ser profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor».

Noutra ocasião declarou ele, positivamente que «toda a Escritura é inspirada por Deus». (II Timóteo 3:16).

Sempre que qualquer pessoa alegue que certas porções da Bíblia ou dos escritos da Irmã White são inspirados e outras partes não o são, estabelece essa mesma pessoa a sua própria razão como critério para determinar que classificação deve receber qualquer passo.

Deus não confiou a nenhum homem essa responsabilidade. Somos por demais propensos a julgar de acordo com as nossas predilecções pessoais. Se damos qualquer valor às palavras dos profetas, certamente lhes podemos dar crédito na questão de ser ou não do Senhor aquilo que falaram.

Temos que admitir que a Bíblia e os escritos que Ellen G. White deu à Igreja são o que professam ser — mensagens de Deus — ou então, em breve, destruiremos a eficácia de ambos.

ESTUDO BÍBLICO

A mortalidade da alma

Introdução. É esquisito que as colectividades cristianizadas, depois de perto de vinte séculos estejam ainda apegadas a uma concepção tão nitidamente contrária ao ensino bíblico, a respeito da alma. O ensino bíblico diz claramente que a alma é mortal.

As especulações da filosofia grega relativas à alma suplantaram no seio das massas cristianizadas, as revelações da Palavra de Deus, embora, na maior parte dos meios cristãos, se ensine a imortalidade da alma como uma verdade revelada e incontestável.

Eis, por exemplo, algumas declarações extraídas dum catecismo católico:

«*Que é a alma?* A alma é um espírito imortal, dotado de razão e de vontade, livre. (O sublimado é nosso). A inteligência, a liberdade e a imortalidade são dons naturais da alma humana. Por estes dons, a nossa alma é a imagem natural de Deus».

«*A nossa alma é imortal:*

«A nossa alma é imortal, não por favor ou privilégio especial, mas por natureza. A nossa alma é um espírito. Ora, um ser espiritual é incorruptível: não pode morrer por si mesmo, e não pode ser destruído por qualquer outro ser. A nossa alma criada imediatamente por Deus, só poderia ser aniquilada pelo próprio Deus. Mas Deus não a aniquila, porque, pelo contrário, tendo-a criado imortal por natureza, destinou-lhe como fim, a felicidade eterna». (—Catecismo da Diocese de Bâle, com a aprovação do bispo da diocese).

A opinião de Calvino, tal como se encontra nas linhas que se vão seguir, define também o pensamento de milhões de protestantes a este respeito:

«Acerca da natureza da alma — a sua imortalidade.

«Que o homem tenha duas partes, a saber: o corpo e a alma, não há que levantar nenhuma dificul-

dade. Por esta palavra *alma*, entendendo o espírito imortal, criado, e que é a parte mais nobre do homem. Por vezes a Escritura chama-lhe *espírito*. Embora estes dois nomes, quando se encontram juntos, tenham significado diferentes, contudo, quando o nome *espírito* é posto de lado, equivale a alma: como quando Salomão (falando da morte) diz, que então o espírito volta a Deus, que o deu; e Jesus encomendando o seu espírito a Deus, e Santo Estêvão encomendando-o a Jesus Cristo. (Ecl. 12:7; Luc. 23:46; Act. 7:59); nestas expressões querem significar quando a alma sair da prisão do corpo, Deus recebê-la».

«Por outro lado, o conhecimento que nós temos de Deus testemunha que as almas, visto ultrapassarem o mundo, são imortais; porque uma inspiração que se desvanecer não chegaria à fonte da vida. Em suma, considerando as virtudes que exornam a alma, mostram que ela tem um não sei quê de divino, o que prova a sua essência imortal». (Calvino, a Instituição Cristã).

Os autores destas afirmações peremptórias não viram, ou não quiseram ver, que elas vão, precisamente, contra numerosas declarações bíblicas, como vamos ver.

I — *A imortalidade é um privilégio divino.* Quando se pretende que a alma é imortal por natureza, faz-se mentir o apóstolo Paulo nas suas declarações: «*Só Deus possui a imortalidade*» (I Tim. 6:16), e que o homem não a obtém senão como um favor divino concedido aos que crêem em Jesus: «o dom gratuito de Deus, é a vida eterna em Jesus Cristo, nosso Senhor» (Romanos 6:23).

O apóstolo Paulo apresenta os verdadeiros crentes como sendo «os que com perseverança em fazer bem, procuram glória e honra e incorrupção (imortalidade)». (Romanos 2:7); e exorta Timóteo a «*tomar posse da vida eterna para*

a qual também foi chamado» (I Tim. 6:12).

É evidente que se a alma fosse naturalmente imortal, Deus não seria o único a possuir a imortalidade e que, portanto, não poderia dar aos crentes, como uma graça, o que eles já gozariam. Por consequência, nenhum ser humano teria necessidade de procurar obter a imortalidade ou de se apoderar da vida eterna, e os textos bíblicos citados acima tornar-se-iam ininteligíveis.

II — *A alma é mortal* — A expressão «alma imortal» não se encontra na Bíblia. Pelo contrário, os textos que afirmam que a alma morre são muito numerosos. Vamos citar, apenas, os mais característicos, começando pela advertência que Deus deu a Adão no caso de este desobedecer: «certamente morrerás» (Gênesis 2:7). O dicionário define a morte como sendo a «cessação da vida», e não há nada, nem a ciência nem as declarações da Bíblia, que permita dar a esta palavra uma outra acepção. Assim, um ser morre e não continua a viver sob uma outra forma. De resto, quando a Bíblia declara: «A alma que peca, essa morrerá» (Ezeq. 18:4,20) quer dizer, evidentemente, que a alma é mortal, isto é, sujeita à morte. Se não fosse assim, como é que Balaão e Sansão poderiam exclamar: «Que eu (hebraico: que a minha alma) morra...» (Números 23:10; Juizes 16:30)?

Finalmente, no livro do Levítico (cap. 21 vers. 11) encontra-se uma expressão que não pode deixar subsistir nenhuma dúvida: «E (o sumo sacerdote) não se chegará a cadáver algum (no hebraico: a nenhuma das almas que estão mortas)».

Conclusão — É assim que a Bíblia proclama com força a mortalidade da alma. Contudo, não nos priva da esperança de uma vida futura.

«A ausência da ideia da imortalidade da alma no Novo Testamento não significa que ele veja na morte uma supressão do ser humano, porque aquele que resuscitar é o mesmo que tiver mor-

... do Concílio de Trento:

«Se todos os homens, diz o Catecismo do Concílio de Trento, desejaram ardentemente aquele dia do Senhor, em que Ele se revestiu da nossa carne, porque pünham neste mistério a esperança da sua libertação, *hoje*, que o Filho de Deus morreu e subiu ao céu, os nossos suspiros mais ardentes deveriam ser para aquele outro dia do Senhor.

A liturgia romana recorda constantemente aos fiéis a segunda Vinda, principalmente no tempo do Advento; infelizmente, muitos Católicos não lêem com bastante atenção os textos oferecidos à sua meditação e à sua oração. Esquecem-se de que, todas as vezes que conungam anunciar «a morte do Senhor, até que venha». (I Cor. 11:26). — (Catecismo do Concílio de Trento, Símbolo dos Apóstolos, cap. 8).

... do Cardeal Billot:

«Sabe-se qual é o lugar principal que ocupa na economia da revelação cristã esta segunda vinda do Senhor, tantas vezes e tão solenemente anunciada por Ele, como devendo trazer, com a transformação dos céus e da terra actuais, com a ressurreição dos mortos e o juízo geral, o estabelecimento definitivo do reino de Deus na sua consumação final e na sua última perfeição.

Basta, efectivamente, entreabrir o Evangelho, para reconhecer ime-

rido (Veja-se Lucas 24:39 e seguintes; João 20:26 e seguintes).

Apesar do judaísmo da Diáspora que ensinava a imortalidade, o Novo Testamento não deixa, em nenhuma parte, infiltrar-se a ideia grega da imortalidade da alma. Por quê? Primeiramente, porque o homem não tem em si mesmo a garantia da sua existência (só Deus é imortal: I Tim. 6:16); em segundo lugar, porque, acreditando que a salvação não suprime mas transforma a criação de Deus, não se pensa numa existência nova senão numa *nova terra* (2 Pedro 3:13) e num novo *corpo* (I Cor. 15:35 seg.). O ensino bíblico não

Testemunhos sobre a volta de Jesus...

diatamente que a Parousia é de facto o alfa e o ómega, o começo e o fim, a primeira e a última palavra da pregação de Jesus; que ela é a *chave*, a decifração, a explicação, a razão de ser, a sanção; que é, finalmente, o *acontecimento supremo, ao qual todo o resto se refere, e sem o qual todo o resto se confunde e desaparece*. (Cardeal Billot — *A Parousia*, pág. 9 e 10).

Aqui temos, prezados Irmãos, dois preciosos testemunhos de duas grandes autoridades da Igreja Católica, acerca da Segunda Vinda de Jesus.

O Concílio de Trento foi convocado, especialmente para combater o grande movimento da Reforma. Foi um dos elementos da chamada Contra-Reforma.

Neste Concílio definiu a Igreja Católica o número dos Sacramentos, defendeu o culto da Virgem e dos santos, assim como a existência do Purgatório; estabeleceu a disciplina eclesiástica e definiu como dogma o significado da Missa, dizendo que é a renovação — de maneira mística e incruenta — do sacrifício do Calvário.

Tratando, incidentalmente, da Segunda Vinda de Jesus, confessou a fé de toda a Igreja Cristã nesse glorioso acontecimento com que culminará a trágica história da humanidade.

partilha a ideia de um dualismo de incompatibilidade entre o que é *material* e o que é *espiritual*: afirma, pelo contrário a encarnação (João 1:14). Renunciar ao realismo da ressurreição a favor do espiritualismo, é afirmar implicitamente ou que Deus não é o Criador, ou, então, que não foi capaz de salvar senão uma parte da sua obra; é afirmar, sobretudo, que Jesus Cristo não ressuscitou (I Cor. 15:13 e seg.) e que, portanto, a morte não foi vencida, e que, portanto, os homens ainda permanecem no temor e na servidão (Heb. 2:14 e seg.).

O segundo testemunho que acima se transcreve é do Cardeal Billot.

Como se sabe a dignidade cardinalícia constitui o mais elevado grau na hierarquia romana. São os Cardeais quem elege o Papa.

O Cardeal Billot pertencia à Companhia de Jesus, quando foi elevado à dignidade de cardinalícia. Era professor universitário e pessoa de reconhecido saber teológico.

Passou toda a sua vida a ensinar e a escrever.

É do livro intitulado «Parusia» — que significa, precisamente, «Volta, regresso, Vinda» que se extraiu o passo citado.

Nele se lê claramente a importância do Segundo Advento de Jesus. Mas é pena que a Igreja Cristã — quase na sua totalidade — tenha esquecido esta verdade, tão solene.

Infelizmente, a Igreja procura resolver os problemas gravíssimos que afligem a humanidade, mediante soluções humanas, terrenas, meramente seculares. Deslemburada da Vinda do Senhor Jesus, vive fazendo largos planos para uma vida longa e quase eterna, nesta terra. Em vez de se preparar, activa e diligentemente, para a Vinda do Senhor Jesus, faz planos para que essa Vinda seja ainda distante.

Eia, pois, Irmãos! Cabe-nos a nós, como Igreja Remanescente, apregoar bem alto que se aproxima a hora do grande conflito. O mundo cego e surdo caminha, precipitadamente para a perdição. Levantemos os nossos olhos para o alto, bem para o alto, donde nos vem a salvação.

Sabemos que se aproxima a hora da libertação deste mundo das garras de Satanás.

Esforcemo-nos, de acordo com as nossas possibilidades, por auxiliarmos a difusão da Mensagem, de modo que dentro em breve possamos cantar o cântico dos salvos, quando o Salvador vier buscar os remidos, na companhia dos santos anjos, para nos levar para a Pátria celestial.

A. Casaca

O Trabalho aos Sábados nos Hospitais não Adventistas

PASTOR ROBERTO H. COSTA

Como pastor numa região em que muitos adventistas do Sétimo Dia trabalham em hospitais não adventistas, fiquei muitíssimo preocupado a respeito dos nossos membros que se sentem de certo modo justificados trabalhando, regularmente, no santo dia de Deus.

Algumas dessas pessoas executam tarefas que podiam muito bem ser deixadas por fazer, para o dia seguinte. Resolvi, por isso, ver se era possível encontrar algum método para solucionar o problema.

Repassando a lista de membros com a comissão da igreja, verifiquei que uma porção de pessoas outrora activas no programa da igreja, se ausentavam, agora, da mesma, durante longos períodos. Reconheci, naturalmente, que o cuidado essencial que se deve dispensar aos doentes, não está em desarmonia com a verdadeira observância do Sábado.

Procurei saber por que é que tais membros se haviam tornado delinquentes. De súbito recordei-me de que muitos deles trabalhavam em hospitais não adventistas. Muitos deles eram jovens que haviam sido educados em lares e escolas adventistas, que começaram a trabalhar nesses hospitais a fim de continuarem os seus estudos. Em lugar de prosseguirem no seu intuito de adquirir uma educação cristã, foram-se tornando gradualmente descuidados na sua vida espiritual, deixando, finalmente, de frequentar a igreja. Concluí, por isso, que a sua ausência aos cultos de Sábado tinha contribuído para a sua queda.

Visitando essas pessoas, descobri que a maioria delas não tinha queixas da igreja. Nenhuma delas pretendia realmente separar-se, mas devido aos seus horários de serviço, viam-se impossibilitadas de ir ao culto nos Sábados. Durante um certo período estiveram impedidas de assistir, e, quando mais tarde cessara tal impedimento, continuaram a não ir ao culto.

Admoestei cada um desses queridos membros a que tomassem providências para assistirem, mais regularmente aos cultos. Afirmei-lhes que não havia nenhum emprego ou profissão que valesse a contínua diminuição de alimento espiritual — nem mesmo a importante tarefa de cuidar dos doentes. Estimulei, também, do púlpito o nosso povo a que seja fiel na observância do santo Sábado de Deus.

No livro da Irmã White *Testemunhos*, Vol. 4, pág. 539, temos o seguinte conselho: «Os médicos serão com frequência chamados aos Sábados para visitar doentes, e podem ser obrigados a torná-los dias de labor exaustivo. Tal trabalho para aliviar o sofrimento foi declarado uma obra de misericórdia pelo nosso Salvador, não sendo transgressão do Sábado. Mas os que dedicam regularmente os seus Sábados a escrever ou a trabalhar, sem fazer mudança especial, prejudicam a própria alma, dão aos outros um exemplo que não é digno de imitação, e não honram a Deus».

Como pastor, sinto-me obrigado para com o meu rebanho a ajudá-lo a compreender os seus deveres para com Deus na guarda do Sábado. Preciso inspirar a fé necessária para confiar que nosso Senhor dirija todos os assuntos para o seu benefício eterno. Se o trabalho, ao Sábado, nos hospitais lhes ameaça a vida espiritual, devem então aperceber-se também disto e tomar providências para que esse facto não interfira com o seu testemunho para desonrar o nome do Senhor.

Mediante o Espírito de Profecia veio-nos esta advertência, já há muitos anos: «Um espírito de irreverência e de negligência na observância do Sábado é susceptível de se manifestar nos nossos sanatórios... Especialmente, deve cada médico esforçar-se por dar um exemplo correcto. A natureza das

suas obrigações, leva-o naturalmente a sentir-se justificado por fazer, no Sábado, muitas coisas que deveriam evitar. Na medida do possível deve ele planejar o seu trabalho, de maneira que se possa afastar das ocupações habituais». — *Testemunhos Selectos*, Vol. 3, pág. 126.

Se a serva do Senhor achou necessário advertir dos perigos do trabalho regular aos Sábados, nos nossos sanatórios, quanto maior é a necessidade de advertir o nosso povo contra os riscos relativos ao constante trabalho nos Sábados, em instituições não adventistas?

Perigos do trabalho regular nos Sábados

Todas as pessoas que estão familiarizadas com o funcionamento dos hospitais adventistas, sabem que o escritório dessas instituições está fechado nos Sábados. Não há movimento de veículos de entregas nesses dias. A lavagem das janelas, o enceramento dos soalhos, o serviço de lavandaria, etc. não se fazem. Também não se fazem operações cirúrgicas e tratamentos que podem ser marcados para outra ocasião.

Também desaparece o próprio vaivém habitual. O grupo indispensável de médicos, de enfermeiras e de auxiliares cuidam do essencial para o conforto dos doentes e para as emergências, mas uma paz celestial parece impregnar as salas e os corredores. Os cristãos, em serviço, não se empenham aí, em conversas mundanas. Os doentes compreendem que é Sábado, e é-lhes proporcionada uma sã leitura para ser feita com a Bíblia.

Em tal atmosfera, não é difícil guardar o Sábado. Todavia, mesmo o nosso povo que trabalha sob estas condições, é advertido do perigo de se ausentar, muitas vezes, dos serviços do culto do Sábado.

As condições sob as quais os nossos membros precisam de trabalhar em instituições não adventistas, pouca oportunidade proporcionam para o espírito da verdadeira observância do Sábado. Há muitas coisas que distraem o pensamento de Deus e do seu dia de repouso. Aquelas pessoas que enchem as enfermarias e os quartos empenham-se livremente em conversas mundanas. Com frequência a televisão e a rádio estão anunciando acontecimentos desportivos e tantas outras coisas absolutamente mundanas. Quão difícil há-de ser para uma pessoa empregada, efectivamente, em tal lugar aos Sábados, manter-se incontaminada pelo mundo. Está em constante contacto com colegas de trabalho que conversam livremente sobre assuntos duvidosos e que gracejam continuamente. Também é difícil afastar-se de afeições para com pessoas não adventistas do outro sexo. Deste modo, uma pessoa acha-se rodeada por um círculo de relações mundanas. Os seus interesses concentram-se no hospital e nos que ali trabalham. Fora do contacto com os membros e com as actividades da igreja, pode muito facilmente, resvalar.

Geralmente, é por motivos de ordem económica que o nosso povo procura trabalho em tais instituições. Estão tão ansiosos por obter emprego, que deixam de expor a sua atitude, quanto ao trabalho no Sábado. Tranquilizam-se com a ideia de que cuidar de doentes, nos Sábados, está de harmonia com as nossas normas.

Que os doentes devem ser cuidados, em dia de Sábado, não ponho em dúvida. Consideremos as seguintes palavras do Espírito de Profecia: «As necessidades da humanidade sofredora nunca devem ser negligenciadas. Com o seu exemplo, o Salvador mostrou-nos que é correcto aliviar os sofrimentos, no Sábado. O trabalho desnecessário, porém, tal como tratamentos usuais e operações, que possam ser adiados, devem sê-lo. Faça-se com que os doentes compreendam que os médicos e os auxiliares precisam de um dia de repouso. Faça-se compreender que

os obreiros temem a Deus e que querem santificar o dia que Ele separou para os seus seguidores observarem como sinal entre o Criador e as criaturas». Testemunhos Selectos, vol. 3, pág. 126.

Mediante uma investigação individual, fiquei convencido de que a maioria dos membros não quer trabalhar em hospitais não adventistas, aos Sábados. Na verdade, muitos sentiam a consciência culpada, mas achavam que precisavam de trabalhar naquele dia, a fim de conservar o trabalho. Do que eles necessitavam acima de tudo o mais, era de fé, para crer que Deus poderia resolver a questão, caso eles permanecessem firmes, nas suas convicções, como Jesus prometeu, quando disse: «Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas». S. Mateus 6:33.

A recompensa da fidelidade

Permitam que cite alguns incidentes admiráveis ocorridos com aqueles que confiaram na Palavra do Senhor e que resolveram servi-l'O a todo o custo.

Coube-me, recentemente, entrar em contacto com um dos inspectores de uma grande instituição médica da minha cidade, em favor de alguns recém-convertidos à nossa igreja. Um marido, a esposa e uma sobrinha adulta haviam assistido às nossas reuniões evangelísticas e abraçado os ensinamentos da Palavra de Deus. Solicitaram o privilégio do Sábado livre, nos seus empregos, mas foi-lhes terminantemente recusado. Foi então que eu, como seu novo pastor, recebi o pedido de interferir em seu favor.

Quando eu expus aos patrões a atitude da nossa Igreja quanto à observância do Sábado, e pedi, com insistência, que lhes dessem o Sábado, obtive a seguinte resposta: «Confesso, senhor Pastor, que não tinha a mínima ideia de que a sua igreja era assim tão estrita na guarda do Sábado. O seu pedido parece irrazoável. Os doentes precisam de ser curados. Está o senhor Pastor sugerindo que eles

sejam negligenciados? A maioria das pessoas que aqui trabalham são cristãs e gostariam de ter tempo para irem à igreja, mas os seus deveres estão acima de tudo».

Tornei bem claro que a nossa Igreja concorda em que a tarefa de curar as doenças do corpo é necessária e vital. Entretanto, também acreditamos que as doenças espirituais da alma são igualmente urgentes e não devem, de maneira nenhuma, ser negligenciadas.

Foi-me, então, lembrado que temos muitos hospitais em funcionamento e perguntaram-me se não cuidávamos, ali, dos nossos doentes, em dia de Sábado. Foi com satisfação que expliquei que unicamente as tarefas necessárias é que se executam nas nossas instituições; tudo quanto pode ser deixado para depois do Sábado é adiado. São também tomadas providências para que todos tenham oportunidade de assistir a serviços religiosos o mais frequentemente possível, mediante turnos.

A despeito do meu pedido, o director recusou a autorização, e advertiu de que a falta ao trabalho no Sábado, quando ordenado, implicaria a perda do emprego. As pessoas, em questão, não esperaram que fossem demitidas; entregaram o seu pedido de demissão, sem saber o que o futuro lhes reservava.

No dia seguinte, quando se preparavam para procurar outra colocação, tocou o telefone. Era o director que lhes falava, dizendo-lhes que regressassem ao trabalho, e assegurando-lhes que teriam o Sábado livre.

Uma jovem senhora, depois de muitas considerações, apresentou a sua demissão no hospital, em que trabalhava, quando lhe recusaram a folga aos Sábados. Dois dias depois recebeu uma comunicação para se apresentar no gabinete do director. Este tomara medidas para que ela fosse transferida para outra secção, onde agora ganha mais, tem mais possibilidades de desenvolvimento e tem todos os Sábados livres.

A irmã desta jovem senhora demitiu-se do emprego num hospital, porque se via obrigada a trabalhar

Durante os últimos dez anos temos trabalhado, activamente, no sentido de desenvolvermos centros de evangelização, especialmente nas principais cidades do Oriente. Já temos quatro grandes destes centros em actividade.

Há outros três em projecto.

Um desses novos centros projectado vai localizar-se na populosa cidade de Djakarta, em Java, que conta cerca de quatro milhões de habitantes.

Tivemos, durante alguns anos, uma igreja central, nesta cidade, e durante os últimos anos abrimos dez igrejas, através da grande Djakarta, ao serviço de uns mil membros Adventistas do Sétimo Dia.

Mas a verdade é que nos últimos tempos, temos sentido grandes dificuldades nos nossos esforços evangelísticos, porque não há possibilidade de obter grandes salões, em toda a cidade, que sejam capazes de receber todos os ouvintes que pretendem assistir às nossas reuniões evangelísticas.

Impõe-se, portanto, a necessidade premente de termos um bom salão que possa receber muitas centenas, alguns milhares de ouvintes.

Há três anos, foi chamado a trabalhar na Indonésia um evangelista americano que devia estabelecer-se em Djakarta para ali abrir um centro de evangelização; enviaram-nos o Pastor C. L. Shankel que veio com a família. Desde que chegou, nunca ele deixou de pensar em conseguir um bom local para um centro evangelístico, na cidade de Djakarta.

ao Sábado; encontrou imediatamente trabalho, noutro hospital, onde está mais satisfeita. Todos os Sábados vai agora à nossa igreja.

Um rapaz que tinha de sustentar a família, declarou que tinha de deixar o seu lugar num hospital, se não lhe fosse concedido o Sábado. Deram-lhe o Sábado e foi promovido.

Eu poderia relatar outros casos em que os nossos membros resolveram não continuar a roubar às suas almas a preciosa comunhão com o Senhor e com os seus irmãos,

O CENTRO EVANGELÍSTICO DE DJAKARTA (JAVA)

Pelo Pastor CHRIS P. SORENSEN

Presidente da Divisão do Extremo Oriente

Precisamente, há dois anos, o Conselho da Divisão, quando tratou da colocação do excedente da Escola Sabatina para 1961, escolheu este centro para receber metade do excesso das ofertas para a nossa Divisão. Por isso, desde os últimos dois anos que temos procurado, activamente, um bom local para construirmos o nosso centro evangelístico. É claro que estava fora de discussão encontrar-se um edifício já construído. Naturalmente, que era desejo dos nossos Irmãos descobrir um local que fosse central e apropriado. Muito terreno que se encontrava à venda, nestes últimos dois anos foi vendido a preços astronómicos.

Nos últimos anos, o Governo da Indonésia tem procurado alargar a cidade, e precisamente, entre aquela zona de alargamento e a cidade propriamente dita, tem estado em construção um grande estádio e edifícios apropriados para os Jogos Olímpicos Asiáticos que se efectuarão no próximo ano de 1962.

Saindo da cidade em direcção da área dos Jogos Asiáticos deste elegante subúrbio, segue-se por uma ampla estrada de duas faixas, com outras faixas para bicicletas e outros veículos menores de passageiros; projecta-se a construção de lindos edifícios ao longo desta grande

no santo Sábado. Sem excepção, a sua fidelidade foi recompensada.

Para concluir, permitam-me apelar para o coração dos crentes de todas as partes, com as seguintes palavras da Mensageira do Senhor:

«Devemos conscienciosamente honrar a Deus, usando diligentemente todos os meios para manter relações de concerto com Ele, a fim de recebermos as suas bênçãos — bênçãos tão necessárias para quem irá ser provado com tamanha severidade». — *Testemunhos Seletos*, Vol. 3, pág. 128.

estrada. Várias vezes, os nossos Irmãos procuraram entrar em negociações com o Governo para adquirirem um bom lote de terreno, nesta zona, mas tudo fora baldado.

Inesperadamente, porém, no início deste ano, fomos notificados de que a nossa pretensão tinha sido atendida; no escritório recebeu-se o seguinte telegrama:

«O Governo concede óptimo terreno para centro evangelístico».

Efectivamente, o Governo ofereceu-nos três lotes de terreno, com uma frontaria de 240 pés, precisamente, entre alguns dos mais belos edifícios que ali se estão a construir. Todo este terreno nos foi oferecido por uma renda muito em conta, que pagaremos anualmente, e a longo prazo.

Naturalmente, que há algumas restrições quanto à construção, mas de modo algum impossíveis e que não prejudicarão a construção de um bom centro de evangelização.

Há outros interesses denominacionais e actividades, que mais tarde serão transportadas para ali; mas, agora, de momento, interessam-nos o centro de evangelização.

Uma das cláusulas do contrato determina que o edifício deve estar parcialmente construído em Agosto do próximo ano, o que vem ao encontro dos nossos desejos, como é natural. Houve um outro centro evangelístico, na nossa Divisão, que levou dez anos a concluir; é claro que desejamos concluir este novo e importante centro o mais rapidamente possível.

Os planos já foram aprovados pela Divisão e pela Conferência Geral; os Irmãos da União Indonésiana estão trabalhando activamente para que a construção do novo centro evangelístico seja uma realidade no próximo Agosto, por ocasião dos Jogos Asiáticos.

Por isso, prezados Irmãos de todo o Mundo Adventista, aqui estamos a pedir que sejam generosos nas suas ofertas, pois com elas poderemos abrir o nosso centro evangelístico, numa das maiores cidades do Oriente.

Contamos convosco.

Praticai o amor e o bem

*Como nómadas, errando
Neste mundo em agonia,
Marcham homens em desmando...
Em constante androlatria.*

*Homens sem Deus!... meditai
Na grave situação
Do mundo em ebulição;
Com firmeza considerai
Na trágica convulsão
Tão perversa quão daninha
Que do mundo se avizinha.*

*Que proveito há no mundo
Sem amor e caridade?
É sofrendo, meditando...
À beira da tempestade
Horrorosa, crucial,
Que já ruge pavorosa
Qual megera bacanal
De sequiosa voracidade?!...
De mãos dadas com o mal...
E promessas cor-de-rosa
Só semeia a crueldade?!*

*Homens sem Deus e sem crença,
Meditai no Criador!...
Da vasta obra imensa
Onde brilha a luz e flor.*

*A vil força nada é;
Tende fé na boa luz;
Luz d'amor, a luz da fé,
Luz da fé no bom Jesus.*

*Curvai-vos em penitência,
Sofrei com resignação;
Olhai para a consciência,
Ajoelhai em oração.*

*De que serve a triste guerra?
Tende fé, orai a Deus!
Em morrendo... a carne é terra,
Gozemos a paz dos Céus.*

*Na guerra... só pranto e dores,
Lágrimas e sofrimentos;
Órfãos, viuvez, e horrores...
Ais, soluços e lamentos.*

*Crêde na ressurreição...
E santa vida do Além;
Amai com o coração,
Praticai o amor e o bem.*

Peniche, Agosto de 1961

José do Nascimento Teixeira

«O MINISTÉRIO DA SAÚDE»

Com o título «Ministério da Saúde» começou a ser publicado, de acordo com as resoluções tomadas na última Assembleia da União Portuguesa, «O Boletim dos Departamentos Médico e de Temperança da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia».

Está a cargo do nosso prezado Irmão, Evangelista Samuel Ribeiro, da Faculdade de Medicina de Lisboa e propõe-se difundir os

nossos princípios de saúde, nomeadamente relativos à alimentação e tratamentos naturais, assim como, documentar os nossos membros para a luta contra as bebidas alcoólicas, tabaco e narcóticos.

Este Boletim vai ser um valioso instrumento nas mãos dos nossos Irmãos, que assim poderão, mais facilmente, expor aos seus conhecidos e amigos, os importantes assuntos e problemas da reforma

sanitária, servindo-se das leituras acessíveis e atraentes do Boletim.

Que Deus abençoe os esforços que vão ser efectuados através da nossa nova e benvinda publicação «O MINISTÉRIO DA SAÚDE», que a União Portuguesa oferece gratuitamente a todos os Irmãos, habilitando-os, assim, a lançarem-se na feliz campanha da reforma sanitária.

A imprensa diária publicou, recentemente, em grandes paragonas um artigo encimado pelo título que se acaba de ler.

Cita-se uma comunicação de um biologista, na qual se refere às novas possibilidades que a ciência biológica, com o emprego do frio, como forma de interromper a vida das células sem as alterar, pode oferecer ao homem num futuro não muito distante.

Que profundas verdades, prezados Irmãos e Irmãs, não encontramos nestas palavras, mas misturadas com os mais grosseiros erros. Temos como profundas verdades, as declarações de que será possível uma vida eterna; grosseiros erros, porém, que tal vida se possa conseguir pelos meios meramente naturais, científicos.

Desde sempre que o homem tem aspirado à eternidade. Tem sempre consigo uma ânsia insofrida de viver, eternamente. Só um louco, num gesto suicida parece desmentir este sentimento profundamente arraigado no ser humano de querer viver sempre. Mas até o próprio suicida procura, com o seu tresloucado gesto, uma tranquilidade que ele julga alcançar para sempre. No fundo, há sempre, um aspecto de eternidade, embora estática, neste caso mórbido do suicida.

O homem foi criado por Deus, como sabemos, de natureza mortal; é este o cunho de todos os seres criados, porquanto a imortalidade é apanágio exclusivo de Deus. Assim o encontramos bem expresso no ensino apostólico pela voz inspirada de S. Paulo, quando escreve: «Aquele (o Senhor dos senhores) que tem ele só a imortalidade, e habita na luz inacessível». (I Tim. 6:16).

Só Deus é imortal; qualquer espécie de imortalidade que tenha sido comunicada às criaturas é uma imortalidade accidental, concedida, generosamente por Deus.

O homem é por sua natureza mortal. Neste mesmo número da nossa REVISTA ADVENTISTA se publica um Estudo Bíblico que trata, precisamente, deste assunto.

O «Elixir» da Juventude e a transm

POR A. C.

Para ele remetemos a boa atenção dos nossos prezados Irmãos e Irmãs, pois nele encontrarão as provas escriturísticas de que o homem é mortal por natureza.

Voltando ao artigo, em questão, do biologista que é Jean Rostand, diz ele na sua comunicação que o rejuvenescimento começa a deixar de ser um mito irrealizável, porquanto, de um ser humano, na força da mocidade, poderão tirar-se alguns tecidos, e até órgãos necessários, colocando-os em estado de «órgãos suspensos». Tais órgãos ficarão livres do efeito da degredação do tempo, conforme diz o biologista Rostand.

Não podemos negar, razoavelmente, a possibilidade de ir prolongando a vida, como, de facto, se está verificando, na vida humana, cuja média da mortalidade baixou nos últimos decénios. Mas uma cousa é prolongar a vida e outra, muitíssimo diferente, é viver eternamente.

Como se sabe, já vem de longe, de muito longe a prática de se pretender prolongar a vida.

Também sabemos que logo no começo da humanidade o homem foi enganado com a esperança de viver eternamente. O primeiro e gravíssimo engano que entrou na inteligência do homem foi, precisamente, o do desejo da imortalidade.

Recordemos a cena.

«Os anjos haviam advertido Eva de que tivesse o cuidado de não se afastar do esposo, enquanto se ocupavam com o seu trabalho diário no jardim; junto dele estaria em menor perigo de tentação, do que se estivesse sôzinha. Mas, absorta na sua aprazível ocupação, inconscientemente, desviou-se do seu lado. Percebendo que estava só sentiu, uma apreensão de perigo, mas afugentou os seus temores, concluindo que ela possuía sabedoria e força suficientes para discernir

o mal e para lhe resistir. Esquecida do aviso do anjo encontrou-se a contemplar, com um misto de curiosidade e admiração a árvore proibida. O fruto era muito belo, e ela perguntava a si mesma, por que seria que Deus os privara do mesmo. Era esta a oportunidade do tentador. Como se fosse capaz de distinguir os pensamentos do seu espírito, assim se dirigiu a Eva: «É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?». Eva ficou surpresa e admirada, quando assim pareceu ouvir o eco dos seus pensamentos. Mas a serpente continuou, com uma voz melodiosa, com subtilez louvores à superior beleza de Eva; e as suas palavras não lhe eram desagradáveis... A pergunta ardilosa do tentador, ela responde: «Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: *Certamente não morrereis.*» (*Patriarcas e profetas*, pág. 57).

Aqui temos o início do grande erro, que se tem perpetuado através dos tempos e das gerações. «*Certamente não morrereis.*» *Não morrer*: — são palavras que o homem ouve com o máximo dos agrados, em todas as circunstâncias da vida.

Pronunciadas à cabeceira do doente: — dão uma alegria indizível a todos aqueles que as ouvem. Pronunciadas quando o condenado à morte vai subindo as escadas do patíbulo: — tornam-se na suprema alegria da vida!...

Não morrer! Tem sido, sempre, através dos séculos a suprema aspiração da pobre humanidade, condenada irremediavelmente, a morrer.

Por isso sempre que aparece a tênue luz da mais bruxuleante esperança de que a morte poderá

missão da vida para além da morte?

CASACA

ser vencida, imediatamente o homem se precipita sobre essa falaz esperança, procurando apoderar-se do meio que lhe permita vencer a morte.

Mas, ai de nós. Somos mortais, por natureza, e todos temos de pagar o tributo da nossa vida à morte. É claro que se abrirá uma única excepção, para aqueles que, quando o Senhor Jesus vier, serão arrebatados ao seu encontro, nas nuvens do céu. Não morrerão, realmente. Mas, prezados Irmãos e Irmãs, aqueles dos nossos ditos irmãos e irmãs que assim escaparem à morte, terão primeiramente passado por angústias, dores e aflições que bem compensarão as agonias da morte.

Todo o nosso ser traz consigo, impresso em todas as suas fibras o cunho da mortalidade.

«O homem — escreve Alexis Carrel — jamais se cansará de aspirar à imortalidade. Não a conseguirá porque lhe vedam as leis da sua constituição orgânica. É fora de dúvida que conseguirá retardar, e, porventura, até inverter durante alguns anos a marcha inexorável do tempo fisiológico. Mas jamais vencerá a morte. Porque esta é o preço que temos de pagar pelo nosso cérebro e pela nossa personalidade.» (O Homem Esse Desconhecido).

O homem não é imortal. Deus é que nos concederá a imortalidade, porque nos foi comprada por altíssimo preço: pela vida do nosso Salvador. «Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver... mas com o precioso sangue de Cristo, como de um Cordeiro imaculado e incontaminado.» (I Pedro 1:18,19).

Foi a partir daquela primeira mentira, satânica de que «o homem não morreria» — «Certamente não

morrereis» (Gênesis 3:4) — que se formou a doutrina da imortalidade da alma, que se tem transmitido de geração em geração através da História.

Débil, a princípio, pela sua extensão, foi-se engrossando através dos séculos.

Vamos encontrar esta doutrina da imortalidade entre os Egípcios, que acreditavam que os homens, depois de morrerem, compareciam, pela alma, perante o Tribunal de Osíris, para serem julgados.

Do Egipto facilmente passou para os restantes povos da chamada civilização Oriental.

Os Gregos, em contacto com esta civilização, também defenderam a imortalidade, povoando, assim, o seu famoso Olimpo com deuses, deusas, heróis e simples homens.

Dos Gregos passou para os Romanos, que adoptaram os mesmos deuses gregos, mudando-lhes, apenas, os nomes.

Se o Cristianismo foi um bom veículo com a sua unidade, com a sua paz, com a sua língua, para a difusão do Cristianismo, também foi um óptimo agente para a difusão dos erros pagãos, que dentro em pouco se infiltraram no seio da Igreja.

Ora, entre estes erros, avulta, inegavelmente, o da imortalidade da alma.

Os Romanos que se converteram ao Cristianismo levaram consigo a crença antiga da sobrevivência da alma. E foi assim que o Olimpo pagão, os Campos Elísios pagãos se foram transformando, pouco a pouco no céu cristão.

Os pagãos convertidos não tiveram de reformar as suas crenças; infelizmente foi a Igreja que se conformou com as crenças dos seus novos adeptos.

Uma vez introduzida a noção da imortalidade, dentro do seio

da Igreja, era necessário explicar o destino das almas dos que morriam. Surgiu, assim, o paraíso para os bons, o inferno para os maus e o purgatório para os que ainda viriam a salvar-se.

Assim apareceu a missa, o culto dos santos e da Vingem, que se tornou fundamental na igreja romana.

Esta crença, que inicialmente nasceu no Eden com o engano de Satanás: — *Certamente não morreréis* — foi engrossando através dos tempos e confirmando-se com novos enganos de Satanás, um dos quais, porventura o mais subtil, tem sido o das aparições e o espiritismo.

Compreende-se o valor que representa para a doutrina da imortalidade da alma o argumento que se possa tirar das *aparições* e do *espiritismo*.

Deste modo Satanás confirma a falsidade do seu primeiro erro, fazendo acreditar que a alma é imortal.

A doutrina cristã é simples, neste ponto: o homem foi criado mortal, mas candidato à imortalidade, que lhe foi oferecida condicionalmente.

Não se verificando a condição — os nossos primeiros pais desobedeceram — o homem foi condenado a voltar ao pó da terra, donde saíra.

Mas Deus, na sua infinita misericórdia, aceitou o sacrifício de Jesus, que morrendo por nós, nos assegurou a imortalidade — essa vida sempiterna que nos será concedida, após a primeira morte, após a Vinda gloriosa do Senhor Jesus.

Até lá, o homem aguarda na sepultura que seja chamado à vida, mediante a ressurreição, na qual ouvirá a sua sentença: ou a vida eterna, ou a morte eterna. Esta, a morte eterna, significa realmente *morte eterna*, morte para sempre, e não uma vida eterna de sofrimento.

A vida eterna que nos foi prometida, só a poderemos alcançar mediante a ressurreição, a primeira

(Continua na pág. 20)

Baptismos no Irão

No passado mês de Junho dez preciosas almas desceram às águas baptismas, no Irão; eram três arménios, dois sírios, dois russos e três iranianos.

Actividades escolares

A nossa Universidade Andrews realizou, durante estas férias grandes três importantes campanhas de evangelização, de que resultaram 175 decisões e 113 baptismos.

«Viu-os em sonho»

Recentemente, a igreja de Kampala, na Uganda, resolveu enviar um dos seus pregadores leigos como missionário para as Ilhas Sese no Lago Vitória. Na presença de 300 membros aquele nosso irmão recebeu a investidura na companhia de um colportor; o pregador leigo casara-se havia uma semana, pelo que, ele a sua esposa e o colportor resolveram seguir para o seu campo de trabalho missionário.

Quando o barco em que viajavam se aproximava das Ilhas Sese,

Através do Mundo Adventista

viram entre as pessoas que no lugar de desembarque aguardavam a chegada do barco, um homem que parecia muito interessado a procurar alguém entre os passageiros. Logo que os nossos irmãos desembarcaram, aquele tal indivíduo aproximou-se deles e perguntou-lhes quem eram. Responderam que eram pregadores e que iam para aquela terra com uma mensagem de Deus.

«— Já sei quem são, respondeu o homem. Vi-os em sonhos, nesta noite. Venham comigo para minha casa».

Os nossos irmãos corresponderam ao convite; organizaram um curso bíblico que conta já bastantes pessoas interessadas.

O trabalho em Los Angeles

Mais de 2500 pessoas assistem às conferências que se estão realizando em Los Angeles, na Califórnia. Efectuam-se seis reuniões

por semana, a cargo de 22 ministros e de 15 instrutores bíblicos, além de centenas de irmãos, membros das igrejas que se encarregam da propaganda e de levar a bom termo as reuniões. Nota-se um interesse sempre crescente entre o público.

A «Voz da Profecia» na Índia meridional

O Pastor Thomas, secretário da «Voz da Profecia» para a Índia Meridional escreve: «A *Voz da Profecia* progride rapidamente, nesta região. Têm sido ganhas muitas almas e têm-se organizado numerosos grupos e igrejas, assim como tem sido possível penetrar em novos territórios. Temos muitas conversões, algumas delas bastante comovedoras».

Agradecemos a Deus por ter abençoado, também, tão maravilhosamente, a «Voz da Profecia» na Índia Meridional.

Uma Colportora funda uma Igreja

Sou colportora no distrito de Pong Pung, na Coreia. Já de há muito tempo que eu pensava na necessidade de termos uma igreja nesta região. Por isso pedia continuamente a Deus que me ajudasse a encontrar almas sinceras que eu pudesse levar a Jesus.

Um dia, em que eu ia de casa em casa, cheguei a casa de um dos membros oficiantes da igreja protestante, sr.^a Whang. Esta senhora pareceu interessar-se pelo meu trabalho e fez-me várias perguntas, às quais procurei responder o melhor que eu sabia. Antes de nos separarmos, lemos alguns textos bíblicos e orámos ambas. Durante a noite, senti-me impelida a ir no dia seguinte visitar a sr.^a Whang. Ficou encantada, quando me viu e, depois de havermos estudado a Sagrada Escritura, pedimos ao Senhor

pela Irmã CHOE CHUNG SUN

que nos guiasse sempre no caminho da verdade.

Durante toda uma semana, fui visitá-la, todas as noites. No fim da semana, outras famílias que tinham ouvido falar dos nossos estudos bíblicos, juntaram-se a nós. Todos os presentes estudavam com interesse a Palavra de Deus. Na semana seguinte, outras pessoas viriam juntar-se-nos.

Passado pouco tempo, a sr.^a Whang anunciou-me que ela e toda a sua família tinham resolvido retirar-se da sua igreja e observar o Sábado, conforme o quarto mandamento. Um pouco mais tarde, outras famílias resolveram fazer o mesmo, de modo que há, agora, neste lugar, vinte pessoas que guardam o Sábado.

A necessidade de termos um local de culto não tardou a sentir-se. Não sabíamos onde nos reunirmos, pois o grupo estava a aumentar. Um dia, em que eu falava deste problema, a sr.^a Whang declarou que já há tempos também ela pensava no mesmo problema e que estava resolvida a consagrar 100 000 *whan* para a compra de terreno. Embora esta soma não chegue para tudo, já representa, porém, uma boa parte do montante necessário para a construção da igreja.

Estamos reconhecidos ao Senhor pela maneira como nos conduziu até aqui e estou certa que providenciará para que possamos construir a igreja.

Orem por nós, prezados Irmãos e Irmãs, para que possamos estabelecer neste distrito da Coreia um bastião da Verdade.

Um rosto desfigurado, mas um coração regenerado

J. R. SPANGLER

Secretário do Departamento Ministerial
da Divisão do Extremo Oriente

A história da Sr.^a Hardjosentono passou-se numa aldeia de Java, na Indonésia. Ainda há seis anos que esta senhora não tinha ouvido falar nem da Bíblia, nem de Jesus, nem dos apóstolos, e muito menos da cruz e da salvação. Deus para ela consistia no temor e na superstição. A primeira das suas infelicidades foi a de nunca ter tido conhecimento do amor de Jesus. A segunda foi a morte do marido que era o seu único apoio terrestre. Enviuvara, apenas, havia oito dias, quando um seu vizinho lhe pediu para casar com ele. Como ela ainda amava o marido, parecia-lhe inconcebível voltar a casar, algumas semanas após a morte dele. Mas também sabia que recusar o casamento significava atrair infalivelmente os maiores aborrecimentos.

Recusou contudo; o pretendente irritado, ameaçou-a, mas em vão. Então a cólera transformou-se em desejo de vingança. Pensou num antigo costume que gela de terror o coração das pessoas que acreditam que os maus espíritos podem afligir o corpo, com toda a espécie de males, desde que se façam os ritos convenientes. Dirigiu-se, por isso, a um feiticeiro e deu-lhe uma certa soma de dinheiro para que enfeiticasse aquela pobre viúva, sem defesa, que nem sequer podia recorrer a Deus nem ao próximo, contra tão infame conjura.

Passadas algumas horas, quando acabou a sessão de feitiçaria, a vítima teve a impressão de que um tumor ardente estava a crescer no interior do nariz. Nada conseguiu fazer parar a evolução daquele monstruoso mal. A pobre viúva não tinha a mínima ideia do que se estava passando e voltou-se para o seu deus, isto é, para a superstição. Numa sexta-feira de manhã — que é o dia santo daquela



A Sra. Hardjosentono e suas filhas. A superstição foi substituída pelo amor de Deus

gente — a viúva queimou incenso para apaziguar os maus espíritos. Naquele mesmo instante teve ela a horrível sensação de receber água fervente em pleno rosto e sentiu uma dor atroz. Sentiu, seguidamente, como que três murros no nariz. Correu precipitadamente a casa dos anciãos da aldeia, e pediu-lhes que lhe dissessem o que ela deveria fazer, para esconjurar o mal de que sofria. Responderam-lhe que um feiticeiro tinha feito um sortilégio contra ela e que por isso os demónios tinham tomado conta da sua pessoa.

É costume, em tais casos, procurar outro feiticeiro que seja mais poderoso que o primeiro. Foi o que ela fez, mas, ao que parece, não havia nenhum outro que fosse mais influente do que aquele que tinha sido consultado pelo seu apaixonado odioso.

Assim decorreu quase um ano. O rosto desta pobre mulher ia-se decompondo, lentamente. Finalmente, o nariz caiu completamente e em seu lugar ficou um buraco, entre os dois olhos. Não houve nenhuma infecção, nem nenhum escorrimento de qualquer líquido, nem teve — coisa curiosa — nenhuma dor depois de ter queimado o incenso.

Olhando para a Sr.^a Hardjosentono e ouvindo a sua história, compreendi, como até então nunca

eu tinha compreendido, que o facto de ela ter o rosto desfigurado era verdadeiramente secundário, comparado com o facto de se ter a alma desfigurada pela acção do pecado. Todo o ser humano sofre desta deformidade interior. Só Jesus é que escapou a esta tragédia e assim nos adquiriu a salvação; e também pude ver o que esta salvação pode fazer por uma alma. Estava diante de mim uma mulher, cuja ignorância, incredulidade e o pecado tinham mutilado não só o rosto, mas também o coração. Se ela tivesse perdido a vida naquele momento, as pessoas suas conhecidas que não conhecem a Jesus pensariam, talvez, que tinha sido para bem dela.

Contudo, Deus, cujas vias são misteriosas e notáveis, tinha um plano a respeito desta preciosa alma. Fez, primeiramente, com que a Sr.^a Lewis, irmã da Sr.^a Hardjosentono, entrasse em contacto com o Evangelho e o aceitasse, e depois, com que a Sr.^a Hardjosentono e os filhos fossem viver para casa da irmã, onde o milagre se produziu. O sangue do Salvador lavou e purificou aquele coração desfigurado pelo pecado e a Sr.^a Hardjosentono em breve recobrou a saúde e as forças físicas e espirituais. Membro fiel da Igreja Adventista, é ela hoje uma testemunha do poder do Evangelho de Jesus.

NOTÍCIAS DO CAMPO



Os noivos, Irmãos Teixeira

Teixeira e José da Silva Teixeira. Foi oficiante o Pastor Samuel Reis.

Ao novo casal desejamos as mais ricas bênçãos do céu.

Aguardando a ressurreição

No dia 15 de Agosto cumprimos o doloroso dever de acompanhar à última morada terrestre a nossa Irmã Susana Neumann, esposa do Pastor H. F. Neumann. Ela faleceu no dia 12 de Agosto no Hospital de Loma Linda, com 76 anos.

Como se sabe, os esposos Neumann trabalharam no campo português durante sete anos, de 1930 a 1937, tendo regressado aos Estados Unidos por motivo de doença. Ele foi director da Missão Portuguesa e mais tarde pastor das Igrejas do Porto e Coimbra. Depois do seu regresso ali ele ainda pastoreou as Igrejas alemãs de São Francisco e Los Angeles até se reformar. Todavia, mesmo depois de reformado, as suas actividades em diversas fases dos serviços missionários da Igreja têm sido notáveis, a despeito da sua idade avançada. Em todas estas actividades a Irmã Neumann foi sempre participante activa até ao momento de ser chamada a repousar.

Um caso de asma que resistiu a todos os esforços da ciência médica causou-lhe sofrimento constante por mais de 40 anos, tendo o seu agravo finalmente conduzido ao colapso físico que lhe causou o falecimento. A paciência com que ela sofria e a sua fé e perseverança foram um testemunho inculcável para muitos. Sobrevivem-lhe o marido e dois filhos: Óscar, médico em Woodland, Califórnia, e Talitha, enfermeira missionária em Puerto Rico. O endereço do Irmão Neumann é:

4754 Tyler Ave.,
La Sierra (Arlington) Califórnia. U. S. A.

NOTÍCIAS DA IGREJA DE LISBOA

Baptismos

O dia 23 de Setembro foi um dia de festa espiritual para a Igreja de Lisboa. Tivemos o prazer de receber por baptismo onze preciosas almas. Foi oficiante o prezado Irmão Samuel Graça Pastor desta Igreja, que tendo feito o exame aos candidatos, no fim da cerimónia se dirigiu à

(Continua na pág. 20)

Seixal

Realizou-se na 2.ª-feira, dia 9 de Outubro, a cerimónia do casamento dos nossos prezados irmãos e jovens Maria Vitória Paixão

É verdade que o seu rosto conserva as terríveis marcas do mal que Satanás está sempre pronto a fazer quando tem oportunidade, mas o seu coração foi arrancado das garras do inimigo.

Como esta história poderia ter sido diferente! Suponhamos, por um instante que deixávamos de contribuir com as nossas ofertas e que ninguém queria deixar a vida confortável que desfruta na sua terra, para levar a mensagem aos habitantes de outros países. Aquela prisioneira de Satanás nunca teria sido libertada do pecado e do medo!

Deus seja louvado, pois os nossos sacrifícios pelas missões contribuem para ganhar almas para o reino dos céus. O excedente da oferta do 13.º Sábado do 4.º trimestre de 1961 foi atribuído à

Divisão do Extremo Oriente. Metade deste excesso será enviado para a ilha de Java, precisamente onde ocorreram os acontecimentos que acabámos de descrever. Tal dinheiro destina-se à construção de um Centro evangélico numa das cidades maiores do mundo, Djakarta, na Indonésia.

O local que o Governo nos indicou, assim como as normas da construção, nomeadamente relativas às dimensões do edifício, obrigam-nos a fazer obras muito maiores do que as que tínhamos previsto. Mas podemos ver nestas determinações a mão de Deus servindo-se do Governo da Indonésia para nos obrigar a construir numa escala tão grande, como deveria ter sido, se logo no início tivéssemos tido a fé suficiente para a realizar.

Neste 13.º Sábado pedimos

sinceramente para que todos tenhamos uma experiência semelhante à de Moisés no Monte Nebo. Possamos nós, para lá, para o Extremo Oriente, ver com os olhos da fé, a grande capital que é Djakarta; que possamos contemplar as multidões que ainda não aprenderam a colocar a sua esperança em Deus; todos aqueles homens e mulheres que semelhantes a nós pela natureza humana, ainda vivem na insegurança e na ignorância total da graça divina.

Ponhamo-nos no lugar daquela gente e lembremo-nos do tempo em que ainda não conhecíamos o poder santificador de Jesus e do que ele significou para nós desde que aceitámos Jesus como nosso Salvador. Então já não será para nós muito difícil realizar um sacrifício a favor daquelas almas.



O Auxiliar da Escola Sabatina

Ano I

Novembro de 1961

N.º 11

Para a Divisão dos Adultos

Tema Geral — Estudos do Carácter de Jovens na Bíblia

LIÇÃO 5 — 4 DE NOVEMBRO DE 1961

O Jovem Sonhador

VERSO AUREO: Rom. 8:28.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições. Quem tiver dicionário bíblico, poderá ver em «José».

ALVO DA LIÇÃO: Ajudar os membros da classe a aprender, da história de José, que a completa consagração da vida a Deus nos habilita a sermos vitoriosos sobre as forças do mal.

José

Trilhou ele a vereda estreita naqueles dezassete primeiros anos da sua vida — esse animado favorito de seu velho pai, acalentando a memória de sua desaparecida mãe, seguindo austeramente os graves conselhos do seu fatigado progenitor, e mantendo olhos de águia sobre o mau proceder e a grosseira linguagem dos filhos de Lia e das servas — um jovem deus na rectitude, e um tolo aos olhos cegos dos irmãos.

Que tortura não é ele para o viciado, esse José, desdenhoso da linguagem duvidosa, subentendida, e comandando, na sua inocência, a retirada das bestas da sensualidade! Quê! (exclamam seus irmãos) a metade da vida, ou melhor, toda a realidade lhe é desconhecida, e todavia quer-se arvorar em censor! Oh! ele o que devia era andar pendurado às saias de sua mãe ou da velha Débora! Mas, como elas já não existem, precisa de andar atrás de homens de barba, para repreendê-los pelas suas brincadeiras ou suas rixas. E para mostrar a sua capa multicolor! Demais, tem sempre os músculos e o coração voluntário para tudo, e não suporta que lhe falte uma ovelha por uma hora. Mas, oxalá nos deixasse em paz! Não-de homens que feriram toda uma cidade, desafiando o povo das regiões circunvizinhas a que lhes estorvassem a marcha, abater-se diante desse mimoso de olhos grandes e

rosto de Lua? E seus sonhos?! Os molhos que se inclinam! O Sol, a Lua e as doze estrelas! Isso é na verdade digno de riso!

Mas José passou pela fornalha. E quando a rajada do ódio o açoitou, requeimou-lhe os rebentos do orgulho. E o árduo labor banuiu os dias de sonhos. Então a concupiscência se inflamou, e tê-lo-ia tragado; mas a pura alma que se formara nos campos de Canaã foi ouro provado na casa de Potifar. Afinal, monótonos, desesperançados dias na prisão; o desejo de servir, porém, não se podia extinguir. E eis um homem!

Que diria Rúben da sua pureza? Que poderia responder Simeão em face da sua paciência? Que saberiam Dã e Zabulon, Gade e Aser da vida, que ele ignorasse? Qual deles poderia haver resisitido ao fogo da sua provação? “Os frecheiros lhe deram amargura, e o frecharam e aborreceram. O seu arco, porém, susteve-se no Forte, e os braços de suas mãos foram fortalecidos pelas mãos do Valente de Jacob... As bênçãos de teu pai excederão às bênçãos de meus pais, até às extremidades dos outeiros eternos; elas estarão sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos”. Gén. 49:23-26.

Não era um fraco, esse José que robusteceu a alma nas virtudes da varonilidade, que enfrentou em Hebrom a licença e o vício em On, que viu seus pés carregados de ferros na prisão, e cujo dedo foi ornado de pedras preciosas pela mão de um Faraó em seu palácio. Ao aparecer em público, quem o ultrapassava em sabedoria? Exigindo-se decisão, quem tão pronto como ele? Quando se achava em jogo a diligência, quem como ele, infatigável? Em se fazendo preciso a subtileza, quem tão perspicaz? Senhoril era ele em verdade enquanto a terra de Faraó se lhe curvava servilmente, e pastores de Canaã lhe caíam aos pés; mas, ao soar a voz da compaixão, ei-lo: “Eu sou José, vosso irmão... Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos... porque... Deus me enviou diante de vossa face”. “Bendita do Senhor seja a sua terra... como o mais excelente da terra e com a sua plenitude, e com a benevolência d’Aquele que habitava

na sarça, a bênção venha, sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos". Gén. 45:4 e 5; Deut. 33:13 e 16.

Como Rúben, o primogênito, fracassasse, o direito de primogenitura foi dividido entre seus irmãos. A Judá coube a dignidade de chefe; a Levi foi dado o sacerdócio; e a José, a dupla porção. Assim aconteceu que Jacob adoptou os dois filhos de José como seus próprios, introduzindo-os em a nação como tribos iguais às mais velhas, às de seus filhos. A Manassés, o mais velho, foi dado o segundo lugar, e ele continua na posteridade sempre sob seu próprio nome; ao passo que Efraim, o mais novo, em virtude de maiores qualidades de direcção, teve precedência sobre o irmão, e se bem que de ordinário chamado pelo próprio nome, aparece por vezes no reino de Israel sob o nome de seu pai. — *Irmãos do Rei*, de Artur W. Spalding, págs. 84-87.

Da vida de José podemos ver:

1. A importância de permanecer calmo no meio de tudo que é misterioso, confuso e desconcertante.

2. Que Deus está na direcção de todas as circunstâncias, e com aquele que vive em obediência à vontade divina.

3. Que os acontecimentos marcham em rumo de uma feliz consumação de todas as coisas em Cristo Jesus.

O caso de José é uma demonstração do que Deus pode fazer por um jovem que Lhe dedica a vida, mantendo altas normas num ambiente mau e repleto de tentações, e é fiel em todos os períodos da vida.

Para Meditar

1. Que valiosas lições podem os pais aprender do trato de Jacob para com José?

2. O caso de José mostra-nos que bem convém ficarmos calmos no meio de qualquer circunstância que hoje não compreendamos.

3. Os que têm sofrido grandes injustiças, que lições podem aprender da resposta de José a seus irmãos arrependidos?

LIÇÃO 6 — 11 DE NOVEMBRO DE 1961

Um Jovem Escolhido para Alta Direcção

VERSO ÁUREO: Deut. 32:4.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições. Ver num dicionário bíblico, «Moisés».

ALVO DA LIÇÃO: Lembrar-nos de que o poder de Deus numa vida a Ele dedicada, pode realizar coisas maravilhosas, mesmo num ambiente infeliz ou hereditariedade adversa e ascendência humilde.

Introdução

“Toda a vida futura de Moisés, a grande missão que ele cumpriu como chefe de Israel, atesta da importância da tarefa da mãe cristã. Não existe outra obra que a iguale... Os pais devem dirigir a instrução e a educação de seus filhos enquanto estão muito novos, no sentido de serem cristãos. São postos aos nossos cuidados a fim de serem preparados, não para serem herdeiros do trono de um império terrestre, mas sim reis ao serviço de Deus, para reinarem através de séculos interminos.

“Que toda a mãe sinta que seus momentos são inapreciáveis; a sua obra provada no solene dia da prestação de contas. Então se verá que muitos dos fracassos e crimes dos homens e mulheres decorrem da ignorância e negligência daqueles cujo dever era guiar os seus pés infantis no caminho recto. Então se verá que muitos que beneficiaram o mundo com a luz do génio e da verdade e santidade, devem os princípios que foram a mola de sua influência e êxito, a uma mãe, devota e cristã”. — *The Adventist Home*, págs. 238 e 239.

Moisés

A narrativa de Êxo. 2:10 dá-nos uma visão do ambiente no qual Moisés foi criado. A mãe era escrava. Humilde foi a sua sorte, pesados os seus encargos. Nada se sabe acerca de seu pai, que pouco tempo pode ter passado com os seus, no lar, devido à severidade do sistema egípcio da escravidão. Tinha Moisés um irmão, Arão, e uma irmã, Miriã.

“Apenas doze anos passara ele com os parentes hebreus; mas durante estes anos lançou-se o fundamento de sua grandeza; lançara-o a mão de alguém que não deixou nome memorável”. — *Educação*, pág. 61.

De certo, do ponto de vista da hereditariedade, não era Moisés de nascimento nobre ou aristocrático, mas nascido num lar em que se temia a Deus. Acerca de sua mãe, é-nos dito que “por intermédio de nenhuma outra mulher recebeu o mundo maior bênção”. — *Ibidem*.

“Do humilde lar em Gósen, o filho de Joquebede passou ao palácio dos Faraós, à princesa egípcia, e por meio desta veio a ser recebido como filho amado e acariciado... Sendo ainda nessa época o Egípto a mais poderosa e mais altamente civilizada das nações, Moisés, como seu provável soberrano, era herdeiro das mais altas honras que este mundo podia conferir. A sua escolha, porém, foi

mais nobre. Por amor da honra de Deus e livramento de Seu povo oprimido, Moisés sacrificou as honras do Egípto. Então, de maneira especial, Deus empreendeu a sua educação". — *Idem*, págs. 61 e 62.

Há no Pentateuco muitos exemplos em que a grandeza de Moisés transparece de suas páginas. Núm. 27:15 e 16, poucas vezes é usado como texto de sermão, mas Moisés, nesse momento, parece que alcança o auge de sua grandeza: tem o desejo supremo de ver o povo alcançar o alvo que Deus tinha para eles. Moisés acabava de sofrer duríssima prova. Nesse ponto, homens mais fracos, egoístas e de espírito estreito e visão restrita, teriam hesitado, mostrando mau humor, queixando-se e incriminando outros. Não assim Moisés. Mesmo agora, à vista da terra prometida, notemos com que magnanimidade ele se relaciona com a prova.

A sua preocupação principal era a favor do povo, e que se lhe provesse outro dirigente. Sem murmurar, executou a ordem de Deus, encarregando Josué de ser o seu sucessor, perante todo o povo.

Ao sobrevirem mudanças (e elas virão e terão de vir em todas as nossas actividades e responsabilidades na igreja, na Associação ou na comunidade), mostraremos a mesma magnanimidade e largueza de coração e altruísmo demonstrados por Moisés?

"O grande e destacado característico de Moisés era a notória intimidade da sua relação com Deus... Para exprimir-nos de modo simples e muito humano: O segredo da fé manifestada por Moisés estava em conhecer ele a Deus pessoalmente. Para toda a tarefa, buscava ele a presença de Deus. Conta-se que Napoleão, antes de uma grande batalha, deixava-se ficar sôzinho na sua tenda. Mandava então chamar um a um os seus comandantes. Quando entravam, nenhuma palavra lhes dirigia, mas apenas os fitava nos olhos e lhes apertava a mão. E assim eles saíam preparados para a batalha e para morrer pelo general que tanto amavam. Isto lembra a Moisés em relação com Deus. A fé que Moisés tinha, tinha-a porque conhecia a Deus da maneira que conhecia. Se antes de qualquer tarefa buscamos a presença de Deus, nenhuma tarefa nos pode derrotar. O nosso fracasso e o nosso temor tantas vezes são atribuíveis ao tentarmos realizar sôzinhos as coisas. O segredo da vida vitoriosa é irmos à presença de Deus, antes de irmos à presença dos homens". — William Barclay, *The Letter to the Hebrews*, pág. 181.

Para Meditar

1. "Ninguém mais do que Moisés deu provas concludentes do que Deus pode fazer com um ser humano que se entrega à guia divina e se torna porta-voz Seu". — *William Jennings Bryan*.

2. A reforma com respeito à obediência à lei de Deus deve sempre preceder a obra do livramento divino e do viver vitorioso.

3. Depois de falar com Deus, resplandecia o rosto de Moisés. Demonstramos também, pelo brilho de nossos semblantes, por uma influência benéfica a irradiar de nós, que vivemos na presença de Deus?

LIÇÃO 7 — 18 DE NOVEMBRO DE 1961

O Jovem que Quis Seguir os Próprios Caminhos

VERSO AUREO: Ecl. 11:9.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições. Ver no dicionário bíblico «Sansão».

ALVO DA LIÇÃO: Mostrar como as más companhias e a condescendência com fraquezas e paixões podem ocasionar a derrota mesmo a alguém escolhido por Deus.

Sansão

Em Hebreus 11, o nome de Sansão acha-se registrado entre os heróis do Velho Testamento. Estudando a sua vida, perguntaremos talvez: Como merece Sansão um lugar nessa galeria de homens de extraordinária fé? Alfredo Edersheim dá essa resposta plausível:

"A pergunta não pode ser satisfeita com uma resposta sumária, pois se, como cremos, o Espírito Santo pronunciou esse juízo sobre a sua actividade como juiz, o atento e sincero estudo da Sua história devem então resistir à prova... Lembremo-nos de que estamos tratando da actividade de Sansão como juiz, e sob o impulso do Espírito de Deus, e não dos vários actos da sua vida. Com efeito, distinguem-se dois períodos na sua história: o primeiro, quando agiu sob a influência daquele Espírito; o segundo, quando, cedendo às suas paixões, caiu sucessivamente em pecado, infidelidade para com a sua vocação, e traição à mesma, seguindo-se a sua deserção de Jeová e o juízo divino. E, certamente, a linguagem da epístola aos Hebreus não pode aplicar-se ao período do afastamento de Sansão de Deus, e da sua punição, mas tão somente ao da sua primeira actividade ou do seu arrependimento posterior". — Edersheim, *Israel in Canaan*, pág. 164.

* * *

O casamento de Sansão não teve nenhuma aprovação divina. Foi realizado por um jovem voluntarioso, que se recusou a atentar para a Palavra de Deus, a qual proibira especificamente ao povo de Deus mesmo associar-se com os habitantes de Canaã, fazendo-se seus amigos, por causa da sua crassa impiedade. Era estritamente proibida toda a relação de casamento entre eles.

Mas Sansão insistiu em seguir o seu próprio caminho, a despeito dos conselhos dos pais, contrários a esse casamento. Seguiram-se as dificuldades em rápida sucessão: intriga e perturbação na festa das bodas, e o conseqüente morticínio de trinta filisteus. E depois dessa festa tumultuosa, sua esposa foi dada "ao companheiro de honra de Sansão". Todo o procedimento de Sansão em relação à moça filistéia que ele alegava amar, foi indigno, pois terminou em ameaças, insultos, e morte afinal, para ela e seus pais, às mãos de seus próprios amigos e parentes. Isso, por seu turno, levou Sansão a vingar-se dos filisteus, por causa do tratamento brutal que tiveram com sua primeira esposa.

* * *

Recordando o breve registo da vida de Sansão, vemos que três mulheres, sucessivamente, o levaram à queda. É de lastimar que não permitisse a uma mulher nobre, da envergadura de uma Déborá, por exemplo, influenciá-lo para o bem. Muito diverso teria sido o relato bíblico, se tivesse sido esse o caso.

"Nascido para ser nazireu, parte da sua distinção residia em não dever cortar o cabelo. Desaparecido este, desapareceu-lhe também a força, e os filisteus, conclamados por Dalila, precipitaram-se sobre ele e fizeram-no seu prisioneiro.

"Não era, simplesmente, o caso de o haver deixado a força física — Deus também o deixara". — *The Interpreter's Bible*, Vol. 2, pág. 793.

"O amor e o serviço que Deus requer, Sansão deu a essa mulher. Isso era idolatria. Perdeu toda a intuição do sagrado carácter de Deus e da Sua obra, sacrificando a honra, a consciência e todos os interesses de valor, à vil paixão.

"Se a cabeça de Sansão tivesse sido rapada sem que ele tivesse culpa, teria permanecido a sua força. Mas o seu procedimento denunciou desprezo do favor e autoridade de Deus, como se ele mesmo tivesse desdenhosamente cortado a sua cabeleira. Por isso Deus o desamparou, para suportar os resultados da sua insensatez". — *SDA Bible Commentary*, Ellen G. White, pág. 1007.

"Mesmo a princípio da vida esteve cercado de condições favoráveis para a força física, vigor intelectual e pureza moral. Mas, sob a influência de companheiros ímpios, deixou aquele apego a Deus que é a única salvaguarda do homem, e foi arrastado pela onda do mal. Aqueles que no caminho do dever são levados à prova podem estar certos de que Deus os guardará; mas, se os homens voluntariamente se colocam sob o poder da tentação, cairão mais cedo ou mais tarde...

"Mas a nossa derrota não é inevitável. O homem não é deixado só, a vencer o poder do mal pelos seus fracos esforços. O auxílio está às mãos, e será dado a toda a alma que realmente o desejar. Anjos de Deus, que sobem e descem pela escada que Jacob viu em visão, auxiliarão a toda a alma que o desejar,

a subir mesmo aos mais altos Céus". — *Patriarcas e Profetas*, pág. 628.

* * *

"Deus cumpriu a promessa de que por meio de Sansão começaria a "livrar a Israel da mão dos filisteus"; mas como é triste a história desse homem que poderia ter sido um louvor a Deus e uma glória para a nação! Se tivesse sido fiel à sua vocação divina, não teria tido esse fim. Mas rendeu-se à tentação e mostrou-se infiel; por isso sofreu tão grande derrota.

"Sansão foi, fisicamente, o homem mais forte do mundo; mas no domínio de si mesmo, na bondade e firmeza, foi um dos mais fracos.

"Deus acompanhou sempre Sansão com o Seu cuidado especial, para que se pudesse preparar bem para a grande obra que devia fazer. Mas sob a influência de companheiros ímpios ele começou a esquecer-se de Deus e foi arrastado pelo mal. Assim, devemos evitar as más companhias, porque se de livre vontade nos colocamos sob a influência da tentação, nela havemos de cair.

"Justamente aqueles que Deus quer usar como Seus instrumentos para uma obra especial, Satanás procura por todos os meios desviar do bom caminho. Ele nos ataca nos pontos fracos, procurando por eles alcançar entrada no nosso coração e dominar-nos inteiramente. Se cultivarmos esses defeitos de carácter, em vez de os combater, Satanás conseguirá o seu fim. Mas Deus não nos deixa lutar sòzinhos. Se de coração desejamos o auxílio de Deus, e lh'O pedirmos, Ele enviará os santos anjos em nosso socorro". — *Vultos de Valor*, págs. 140 e 141.

Para Meditar

1. Com base no caso de Sansão, resumamos as razões psicológicas, religiosas e culturais que indicam ser imprudente casar-se com pessoa de outra fé, ou sem filiação religiosa.

2. Qual é, muitas vezes, o primeiro passo para o casamento com pessoa que não é da nossa fé?

3. Se é perigosa a formação de amizades com os ímpios, como então devemos procurar ganhá-los para Jesus!

LIÇÃO 8 — 25 DE NOVEMBRO DE 1961

A Amizade Inesquecível

VERSO ÁUREO: Sal. 133:1-3.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições.

ALVO DA LIÇÃO: Levar os membros da classe a compreenderem os princípios básicos e as qualidades que formam o alicerce da amizade verdadeira.

David e Jônatas

Era Jônatas um jovem de altos ideais e coragem, e embora não incluído entre os heróis alistados no livro dos Hebreus, era, contudo, homem de grande fé.

“Achava-se o seu nome guardado como tesouro nos Céus, e na Terra permanece como um testemunho da existência e do poder do amor abnegado”. — *Educação*, pág. 157.

Numa ocasião em que o rei Saul, seu pai, e o povo em geral estavam desanimados, Jônatas agiu com fé em Deus, e Deus lhe recompensou a fé com a vitória.

* * *

“Quando Deus chamou David de junto do rebanho de seu pai, para ungi-lo rei de Israel, viu nele alguém a quem poderia comunicar o Seu Espírito. David era susceptível à influência do Espírito Santo, e o Senhor em Sua providência educou-o para o Seu serviço, preparando-o para executar os propósitos divinos. Cristo foi o Arquitecto-mestre do seu carácter”. — *SDA Bible Commentary*, pág. 1018.

* * *

I Sam. 16:18 — David “sabia tocar”. Mesmo nos tempos antigos era reconhecido o valor da música, como agente de cura em períodos de depressão e como meio de levantar o ânimo do homem, levando-o à comunhão com Deus e restaurando-lhe a alegria da salvação.

Martinho Lutero cria firmemente no poder da música para influenciar a vida. Disse ele: “É a música um dos mais belos e mais excelentes dons de Deus, do qual Satanás é acérrimo inimigo, pois ela remove do coração o peso da tristeza e o fascínio dos maus pensamentos. É a música como que uma espécie de disciplina, que corrige a paixão e melhora o entendimento”.

A Reforma protestante na Alemanha, dirigida por Lutero, avançou nas asas dos hinos religiosos. A história da igreja é uma história da música. Na maioria dos grandes avivamentos da vida espiritual, tem tido a música parte preeminente. O metodismo, com os seus Wesleys, não somente evangelistas mas autores de hinos e de música, reconhece o valor de proclamar o Evangelho por meio da música. Nos nossos dias, evangelistas adventistas e não adventistas reconhecem a importância da música nas suas campanhas. Deveria ser mais largamente cultivado o conhecimento da música nas nossas famílias, como meio de dar graças a Deus e manter um espírito de coragem e animação.

“É muito interessante a história de como teve origem o canto congregacional, como o conhecemos hoje nas nossas igrejas. Até pouco mais de 400 anos atrás, o povo comum não cantava na igreja. A música era apresentada só pelos sacerdotes ou por coros especialmente seleccionados. Além disso, os hinos eram cantados em latim, que a maioria do povo não compreendia. Com a Reforma Protestante na Europa introduziram-se hinos na linguagem comum do povo, para uso nos cultos.

“Em menino, quando estudante num mosteiro franciscano, Lutero muitas vezes usava sua bela voz para cantar junto às janelas dos cidadãos abastados, para pedir esmolas para os pobres. Por ocasião do Natal, ele e os seus companheiros muitas vezes saíam pelas aldeias vizinhas cantando os hinos do Menino Jesus. Para Lutero a música era um ‘dom e graça de Deus; podia expulsar o demónio e fazer os homens esquecerem toda a ira’.

“‘Desejo’, dizia ele, ‘compor hinos sacros, de maneira que a Palavra de Deus demore entre o povo também por meio de hinos’. O povo devia ter hinos, assim como a Bíblia, na sua própria língua, de sorte que pudessem ‘ler a Palavra de Deus e falar-Lhe por meio de seus hinos’. Os cultos na Igreja Protestante não seriam mais em latim, mas na língua comum do povo. Dentro de vinte anos depois da publicação do primeiro hinário (pequeno, de oito hinos, quatro dos quais compostos por Lutero), imprimiram-se pelo menos 117 colectâneas de hinos, de Lutero e seus companheiros. Há quem diga que Lutero fez em favor da Reforma, mediante os seus hinos, tanto quanto por suas pregações.

“Houve muitos dias escuros na vida de Lutero, quando ele encontrava auxílio em olhar para Deus como sua fortaleza e socorro, como diz o Salmo 46, que lhe inspirou o hino *Castelo Forte*. Outros também se confortavam com esse hino. Tornou-se, como disse alguém, ‘qual coluna de fogo e de nuvens para o povo através dos anos, desde que Lutero o escreveu’. Na Alemanha protestante todos o cantam: as crianças em seus folguedos, as mulheres ao trabalhar, e os soldados no campo de batalha. Tem sido chamado o hino nacional da Alemanha, a ‘Marseleza da Reforma’. O seu primeiro verso, ‘Castelo forte é nosso Deus’, acha-se inscrito no monumento erguido a Lutero na famosa e antiga cidade de Wittenberg”. — *Condensado de Stories of Hymns we Love*, de Cecília Margaret Rudin, Chicago, págs. 5 e 7.

* * *

Uma das mais belas e comoventes histórias na literatura sagrada e na secular é a amizade entre David e Jônatas, os dois herdeiros do trono de Israel.

No desenvolvimento de uma amizade, é essencial reconhecer a sua natureza recíproca. Muitas vezes uma pessoa deseja amizade íntima com deter-

(Continuação da pág. 11)

ressurreição, quando o Senhor Jesus vier em glória buscar os salvos.

Não é a ciência com todos os recursos que nos poderá dar a imortalidade; quando muito poderá ir prolongando esta pobre vida toda ela entrecida de dificuldades, de canseiras, de imperfeições, e que tem de culminar, irremediavelmente, na morte.

O homem, de sua condição mortal, tem de ser infalivelmente aniquilado pela morte, — excepção aberta, como sabemos, para os santos que forem arrebatados ao encontro do Salvador.

E a morte, essa temerosa morte, a serva fiel e dócil de Satanás, mediante a qual ele reina despoticamente no mundo da perdição?

A morte também será vencida, definitivamente aniquilada: — «Ora, o último inimigo que há-de ser aniquilado é a morte». (I Coríntios 15:26).

Prezados Irmãos e Irmãs! Ergamos bem alto a esperança essa bemaventurada esperança que nós temos bem fundada nas pro-

minados indivíduos, por motivos inteiramente egoístas. Talvez não estejam apercebidos da sua motivação egocêntrica ao procurarem ser conhecidos como “amigos do coração” de certa pessoa. Esta espécie de amizade dificilmente pode ser chamada mútua, pois falta à sua motivação a reciprocidade.

A amizade vem do coração. Entretanto, para continuar, tem de ser traduzida em palavras; e o amor — tanto de Deus como do homem — tem de declarar-se em compromissos e promessas. A relutância em assumir compromisso ou conceito não representa amor verdadeiro, e a amizade sem base não pode ser duradoura.

David trajava as rudes vestes de um pastor. Jónatas, para confirmar o compromisso e concerto de ambos deu a David a sua capa, a armadura, a espada, o arco e o cinto (I Sam. 18). Jónatas dividiu com David aquilo que usava, pois um amigo verdadeiro não deseja vantagem sobre o outro.

A amizade duradoura tem de basear-se em traços compensatórios, dádivas, actos de amor, isto é, maior preocupação de dá-los do que de recebê-los. Poderá o meu amigo dizer que a minha amizade lhe é uma bênção? Seria a minha amizade exactamente tão forte e constante, se o meu amigo per-

NOTÍCIAS DO CAMPO

(continuação da pág. 14)

assembleia. Alguns dos nossos novos Irmãos deram o seu testemunho dizendo como se sentiam felizes e manifestando o desejo de permanecer fiéis.

Que o Senhor os ajude neste bom propósito.

Conferências

Nos dias 21 e 24 de Setembro a Igreja viveu em pleno despertar. Consistiu este despertar numa série de Conferências feitas pelo Pastor J. Cupertino, secretário do Departamento Ministerial da Divisão Sul-Europeia.

Acompanhadas de projecções luminosas estas Conferências despertaram grande interesse no público que serão após serão enchias a Igreja, manifestando o seu entusiasmo pela apresentação

messas do nosso Salvador, de que viveremos eternamente.

Sim, nós sabemos que viveremos eternamente, mas não graças à ciência e muito menos, pelos embustes de Satanás.

A vida eterna foi-nos comprada pelo sangue divino do nosso bendito Salvador.

e desenvolvimento dos temas espirituais que o Orador tão sábia-mente soube apresentar.

Queira Deus que as suas palavras tenham encontrado eco nos corações sequiosos da verdade.

Falecimento

Faleceu a nossa Irmã Ana Ferreira de Melo no dia 16 de Setembro. Junto da sepultura o Pastor Samuel Graça teve oportunidade de apresentar perante numerosa assistência a esperança da Ressurreição no último dia, quando esperamos ter o privilégio de voltar a encontrar a nossa Irmã.

À Família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências.

Maria Ivone Baptista

Mais um motivo para que nos esforcemos com todo o ardor para apressarmos a Vinda gloriosa de Jesus.

Só então seremos revestidos da imortalidade, dessa imortalidade que nos dará a vida eterna, na companhia dos salvos e do nosso amado Redentor.

desse a sua posição material ou social, em virtude de circunstâncias para além do seu controle?

“Bom é ter um amigo, mas melhor é ser amigo. O ganho de sermos amados desinteressadamente, de possuímos a simpatia do próximo, sermos animados e ajudados, não se pode comparar com o ganho de amar altruísticamente a alguém, ser compassivo com ele, ajudando-o e animando-o. Aquele que tem amor puro e desinteressado por qualquer ser do universo, já com isso tem nova vida”. — *Henry Clay Trumbull*.

Para Meditar

1. Que podemos considerar como as principais qualidades de Jónatas?
2. Quais as maiores qualidades de David?
3. Por que será a amizade de David e Jónatas talvez a mais famosa de todas as amizades?
4. Quais são algumas qualidades que nos são necessárias, para merecermos amizades?

Este número foi visado pela Comissão de Censura